



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do Gabão, Omar Bongo

Libreville - Gabão, 28 de julho de 2004

Eu queria dizer ao presidente Omar Bongo da alegria e da satisfação que a minha delegação pelo carinho com que fomos recebidos ontem neste país.

Nossa relação com a África, Presidente, é muito mais do que relações diplomáticas, muito mais do que relações comerciais, eu diria muito mais do que um acordo científico e tecnológico. A nossa relação com a África é uma relação de irmandade, é a relação de um país que reconhece a importância que os africanos tiveram na construção da nossa gente, na construção da nossa cor, da nossa beleza, da nossa riqueza e da nossa cultura. Foram muitos anos em que homens e mulheres africanos construíram riquezas no meu país em muitos anos, sem conhecer a palavra liberdade.

Nós, hoje, estamos numa cidade, na capital do Gabão, que significa liberdade, num palácio que significa liberdade. Estamos num país que dá passos para um desenvolvimento mais equânime e para que possa, o povo do Gabão, desfrutar da riqueza produzida pelo próprio povo.

Possivelmente, eu seja o presidente da República do Brasil que mais tenha visitado os países africanos, por conta de uma relação histórica que queremos reconstruir, a começar por ensinar as nossas crianças no Brasil que os negros não nasceram escravos, eram homens e mulheres livres que viraram escravos no nosso país. Sem aprender essa lição mínima, nós não acabaremos com o preconceito do planeta Terra.

O Brasil não é um país rico, tem potencial para ser rico. De 1950 a 1980, embora o Brasil tenha sido o país que mais cresceu no mundo, essa riqueza não foi distribuída de forma justa. Entre 1970 e 2004, o Brasil praticamente



dobrou a sua população, saindo de 90 milhões para 190 milhões, entretanto, nesses 34 anos de crescimento, em mais de 20 anos, a população cresceu, mas a economia não cresceu. Significa que cresceu o número de pobres.

Mas o fato do Brasil ter pobres não significa que o Brasil não possa ajudar outros irmãos, de países em condições similares a do Brasil ou em condições até de maior pobreza que o Brasil.

Nós poderemos ajudar com conhecimento científico e tecnológico, nós poderemos ajudar na formação de universitários do Gabão e de outros países africanos, nós poderemos ajudar na formação de empreendedores para vários países africanos e poderemos ajudar fazendo parcerias como a que está sendo feita, aqui, pela Companhia Vale do Rio Doce. Poderemos ajudar fazendo parcerias na construção de laboratórios para a produção de remédios para combater a AIDS; poderemos ajudar, financiando obras de infra-estrutura.

Nós fazemos isso, Presidente, porque eu fui um cidadão muito pobre, de uma região brasileira que, de 1680 a 1830, recebeu parte dos 700 mil escravos que o Gabão mandou para o Brasil. A minha mãe sempre dizia: “na mesa que come um, comem dois, e na mesa que comem quatro, comem oito”. Portanto, mesmo o Brasil não sendo um país rico, nós temos, por dever moral, político, ético, histórico e humanitário, muito para ajudar países mais pobres que nós, e vamos fazê-lo. Vamos fazê-lo e, por isso, estamos aqui para afirmar, mais uma vez, que o governo brasileiro, vai tentar, definitivamente, no menor tempo possível, recuperar o tempo perdido, quando os governantes brasileiros só olhavam para o mundo desenvolvido. É importante que olhemos o mundo desenvolvido, é importante que tenhamos negócios e muitos negócios com o mundo desenvolvido, mas é importante que não nos esqueçamos daqueles que historicamente estão ligados ao povo brasileiro.

Por isso, muito obrigado pelo carinho. Podem ficar certos de estamos dando um passo importante e eu torço para que o povo do Gabão e o povo brasileiro, através dos seus ministros, através dos seus presidentes, possam se



reunir muitas vezes quando, certamente, produzirão efeitos econômicos que poderão trazer benefícios para os dois povos.

Muito obrigado.

/rss/cms/